AS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS E A TRANSFORMAÇÃO INTERIOR DO HOMEM

Swami Paratparananda[[1]](#footnote-1)

Editorial da revista *Vedanta* *Kesari* - abril 1965; Vol. 51

A existência do homem é uma luta contra a natureza. A natureza tenta limitá-lo, aprisioná-lo em sua rede. A ciência no mundo exterior e a religião no mundo interior, lutam por liberdade dos caprichos da natureza. O homem manifesta sua vitalidade quando luta contra um mórbido conjunto de dogmas e credos, sejam científicos ou religiosos. Ele expressa inteligência quando tem honestas dúvidas com relação às crenças estabelecidas. Mas se parar apenas nesta mera abordagem negativa, perde os fundamentos da vida. Torna-se uma pessoa negativa, o que não é um sinal de uma mente profunda. A mente humana deve ter algum suporte, algum conceito positivo em que trabalhar. Seja na religião ou ciência, o homem aceita um conceito, uma proposta, o experimenta antes de descartá-lo. Enquanto que este método racional é fielmente seguido nas ciências empíricas, é tristemente negligenciado no campo religioso. A razão é, contudo, óbvia. Um homem de ciência tem que trabalhar sobre o externo, enquanto que um homem de religião tem que trabalhar sobre si mesmo, sua própria mente. Um homem de ciência não necessita necessariamente ser de um caráter puro, mas para o homem religioso, a nobreza e o caráter puro formam sua base. Estes são os instrumentos pelos quais terá que trabalhar. Deve estar acima das tentações do mundo. Por isso poucos estão realmente qualificados para alcançar aquele plano onde poderiam cruzar a barreira do mundano e ter um vislumbre do transcendente. Mas tal é a presunção do homem, que pela mera racionalização, fatos empíricos e algumas experiências feitas sobre o corpo de seres humanos como em cobaias, ele saberia de toda a Verdade transcendental. Ou então acredita que as experiências religiosas não são mais do que algumas doenças nervosas, produzidas por excessivo emocionalismo e não têm valor algum.

Tem sido uma alegação repetida como papagaios *ad nauseaum[[2]](#footnote-2)* contra a religião é de que é o ‘ópio do povo’, sem nem mesmo tentar investigar as profundezas da vida religiosa. Isso muitas vezes também tem o suporte da frase de Freud, ‘Eu nunca duvidei que o fenômeno religioso deve ser compreendido apenas baseado no modelo dos sintomas neuróticos do indivíduo.’ Não satisfeitos com o termo ‘sintomas neuróticos’, os discípulos atuais de Freud o teriam como ‘sintomas psicóticos’. Não é conhecido se eles compreendem que há algo além do corpo. É duvidoso se acreditam em uma mente separada do corpo. Se nós seguirmos os seus argumentos chegaremos a isso: onde poderá existir qualquer mente se não há um corpo – e um corpo material? É um grande obstáculo para eles, contudo, pois não podem negar as experiências dos sonhos, com resultado de que são obrigados a conceder um estado subconsciente para a mente. Talvez ignorem o estado de sono profundo como digno de atenção, pois nenhum fenômeno é experimentado naquele estado.

Alguns psiquiatras modernos[[3]](#footnote-3) começaram a fazer experimentos nos seres humanos, para descobrir o efeito de certas drogas, para provar suas teorias de que as experiências religiosas não são mais do que mudanças químicas que ocorrem no cérebro, que podem ser induzidas por drogas também. Eles apresentam certos resultados e estatísticas que descrevem os achados de suas experiências. Eles citam os escritos de alguns aspirantes da Índia como também cristãos que parecem ter tido experiências espirituais sob o efeito de canabis, ópio, algum tipo de bebida alcoólica, etc. Sem dúvida, existe algum efeito destes sobre o homem. Podem ter tido algumas experiências enquanto estiveram sob seu efeito, mas descrevê-las como experiências religiosas é algo absurdo. Se estas foram declarações de genuínos buscadores, temos que presumir que foram distorcidas para agradar aos intérpretes, senão temos que tomá-las como vindas de aspirantes mal guiados. Enquanto ninguém nega o efeito da morfina sobre as dores do corpo por um certo tempo, o retorno da dor tão logo o efeito da morfina passe é também um fato inegável. Da mesma forma que alguém embriagado com álcool experimenta um certo tipo de satisfação e esquecimento de suas tristezas, assim também o vício de algum tipo de droga pode causar algumas experiências. Mas uma droga é uma droga e considerar essas experiências como as mesmas de um homem de Deus é o mesmo que dizer que a felicidade que os porcos sentem no chiqueiro enlameado é a mesma daquele homem que está fascinado com a beleza de uma vista panorâmica ou por uma ótima peça musical. O que queremos dizer com isso é que experiências consideradas por alguns como “espirituais” não são o critério de religião, mas as verdadeiras experiências são. As primeiras são espúrias, como bolhas sem nenhuma substância, vazias como aquele que as experimenta, na medida em que a espiritualidade é considerada.

É significativo neste estágio notar que as aparências são frequentemente enganadoras. Tome o exemplo do pássaro corvo[[4]](#footnote-4); agora veja como se parece, as características e o doce canto do pássaro cuco[[5]](#footnote-5)! Mas que diferença no canto dos dois pássaros! O canto do corvo é áspero e irritante enquanto que do cuco é doce e tranquilizante. De forma similar as experiências induzidas por drogas, etc., conduz o homem para os planos inferiores da morbidez e em seguida para a adicção da própria droga, que será muito difícil de superar depois. Frequentemente também conduz ao entorpecimento moral e daí a ruína do corpo e da mente; enquanto que a real experiência espiritual transforma o homem. Não é, contudo, uma transformação física. Usando a linguagem de Sri Ramakrishna, ‘nele não crescerá dois chifres’, mas seu caráter se enobrece.

**II**

Como então distinguir entre o espúrio e o genuíno, entre um charlatão e um santo? Como já citado acima, a pessoa espiritual real se desenvolve em caráter. Perde a toda hostilidade, descarta todos os desejos, está satisfeito com o que quer que chega até ele sem pedir. Não manifesta nenhuma pompa ou glamour, não anseia por nome e fama. Ele está sempre pronto para ajudar as pessoas em seus problemas. Está sempre imerso no pensamento do Supremo. Ama a todos e não odeia a ninguém. Mesmo a picada de uma serpente venenosa é uma mensagem do Senhor para ele. Em suma, não tem um ego imaturo, o que quer que faça beneficia a sociedade, mais ainda, toda a humanidade.

É o ego imaturo que separa o homem de outro homem, uma sociedade de outra, uma nação de outra. Ele afirma-se de vários modos. O amor ao poder é um deles. Quase todos querem dominar sobre alguém. Mesmo na família, numa sociedade ou numa nação, isto é o que acontece – a tendência de controlar e dominar. Mas quem realmente controla os corações das pessoas? Swami Vivekananda disse uma vez que é a criança que controla de forma suprema o lar. Isto não é um fato? Portanto a menos que sejamos como crianças, simples e francos, puros e sem sofisticação, é impossível ganhar o coração das pessoas. E isso é possível quando o homem ultrapassou a ideia de ‘eu’ e ‘meu’, - uma condição que é possível apenas quando se realiza o Supremo, se realiza a Deus.

Por outro lado, o que encontramos na história das nações em todo o mundo – não apenas no presente, mas também desde o início da história? É conflito e estresse, guerra e derramamento de sangue. Conflito entre setores da sociedade, entre os que têm e aqueles que nada possuem; guerra entre nações por supremacia, por posse de terra que não lhes pertence e coisas semelhantes. Isso é o que poder mundano cria – tirania. É o ego – o ‘eu’ e ‘meu’, ‘nós’ e ‘nosso’ – que comete estes crimes. O ego está presente em todos os seres humanos, de uma forma ou de outra – o ego de posse, o ego de casta, o ego de hereditariedade, o ego de erudição, o ego de raça, o ego de beleza [de seu corpo], etc. Mas o propósito da religião é transformar este ego autocentrado em um ego centrado em Deus, transformar o ego imaturo em um ego maduro. Isso é o que a experiência religiosa faz. Pode a experiência induzida por drogas fazer isso?

Que aqueles que afirmam que as experiências religiosas são apenas reações químicas ocorrendo no cérebro, que podem ser induzidas por drogas, nos dê um exemplo de uma pessoa que tenha obtido a abnegação, pura e simples, que tenha ido além dos desejos, através destas drogas e então apresente sua reivindicação. Se disserem que começaram agora seus experimentos e levará tempo para sua ocorrência, não será melhor pedir a eles não confundirem as mentes de pessoas simples em nome de argumentos infundados em nome da ciência até chegarem a esta conclusão provada com resultados? Achamos que isso seria melhor. Também seria um bem para a humanidade não prestar atenção até que chegue tal hora, mas seguir o caminho bem construído em que miríades de santos e sábios já percorreram e que por sua vez permanecem como faróis a iluminar o caminho para a humanidade. Vamos lembrar o provérbio, ‘Roma não foi construída em um dia’. A ‘Roma’ do caráter, que forma a própria base da vida religiosa não pode ser formada por algumas drogas. Se pudesse, por que existe tanta tensão na vida afluente do ocidente - queremos dizer aqui sobre aqueles que dependem inteiramente da matéria e da ciência para seu suporte? Eles gostam de viver sob tensão? Gostam de ser neuróticos? Por que [drogas] tranquilizantes falharam em curar de forma definitiva a ansiedade nervosa? Até que estas questões sejam resolvidas satisfatoriamente não nos deixemos levar por estes experimentos empíricos que nada provam de forma conclusiva.

Se os experimentos são apenas para criticar a experiência religiosa, como parece ser seu propósito, essas pessoas terão que enfrentar o desafio colocado acima, se querem ser considerados cientistas. E de novo, há experiências e experiências. Não podemos colocar todas em uma só categoria. Vamos nos lembrar que este pensamento de drogas serem capazes de produzir experiências peculiares não era desconhecido na Índia. Vemos, por exemplo, o que Patanjali diz nos *Yoga Sutras*, “Poderes ocultos podem ser obtidos por nascimento, drogas, *mantras*, austeridades e *samadhi*”[[6]](#footnote-6). Talvez isso surpreenda estes ‘psico-cientistas’: que drogas possam induzir certos poderes também, sem falar em vagas experiências religiosas. Os *yogis*, contudo, nunca encorajaram que se buscasse estes poderes ocultos. Pelo contrário, foram citados como impedimentos ao progresso espiritual, como armadilhas para serem evitadas em seu caminho.

Aquela experiência que fortalece e firma a sabedoria de uma pessoa, dissipa todas as dúvidas sobre a existência de Deus, desfaz todas as amarras que prendem um homem a este mundo, só isso é uma experiência religiosa genuína. O que é firmeza no conhecimento? Sri Krishna a descreve longamente no segundo capítulo do *Gita*. Algumas das características de tal pessoa podem ser citadas aqui para ilustrar a que alturas pode se elevar uma pessoa espiritualmente avançada. Sri Krishna diz, “Aquele que não se perturba nas dificuldades, desapegado em circunstâncias felizes, para quem apego, medo e raiva desapareceram, é chamado de um homem de conhecimento firme.”[[7]](#footnote-7) Provavelmente cada um de nós poderia ter experimentado este tipo de sabedoria por um breve período de tempo; um tempo quando não desejamos nada, não sentimos atração por nada, não tememos a nada e sentimos amor que tudo abarca com relação a todos os seres. Mas no momento seguinte uma ou todas essas emoções podem ter passado. O *Gita* não se refere aqui a estas emoções passageiras, mas a continuidade deste estado mental uma vez alcançado. Como sabemos que é a um contínuo estado que está sendo referido? Em primeiro lugar, é conhecimento comum que as escrituras falam de coisas que não são discerníveis pelos sentidos. As escrituras expõem e explicam o que está além do alcance da mente do homem comum, além da experiência da maioria da humanidade. Portanto não teria nenhum propósito repetir uma experiência bem conhecida do dia a dia. Em segundo lugar, as escrituras direcionam o modo de libertar-se do sofrimento e alcançar a bem-aventurança eterna, pela qual o homem, apesar de forma ignorante, se esforça em seu próprio modo. Em terceiro lugar, neste contexto Sri Krishna deixa claro este ponto, ao final do discurso. Ele diz, “Alcançando este estado de Brahman, ó Arjuna, não se é iludido.”[[8]](#footnote-8) Sri Ramakrishna compara esta pessoa a uma abelha que não pousará em nada, apenas em uma flor; não beberá nada além de néctar.

**III**

A paixão pela qual o mundo está sitiado produz sofrimento e para sair deste sofrimento o homem luta intensamente por vários meios. Dos esforços do homem das cavernas aos do homem civilizado de hoje, com os dispositivos e instrumentos da ciência, são todos para atenuar o sofrimento. Nossos sábios indianos eram conscientes de que por mais que se esforçasse no mundo exterior, não se atingiria o estágio de saciedade pelo gozo [das coisas do mundo]. A sensação de sofrimento retornaria redobrada assim que o deleite terminasse. Assim, pelos golpes de marreta, por assim dizer, a verdade de que não existe felicidade no mundo exterior, surge de forma repetida. “Aquele [estado] onde não se vê outra [coisa], não se escuta outra [coisa], não se conhece outra [coisa], é o Grande. E este [estado] no qual vemos outro, ouvimos outro e conhecemos outro é pequeno, insignificante. Este Grande é imortal e o pequeno é perecível.”[[9]](#footnote-9) “Não há felicidade no pequeno, apenas no Grande está a bem-aventurança. Apenas este deve ser conhecido,”[[10]](#footnote-10), diz o *Chāndogyopanisad*. Portanto os antigos sábios exploraram o plano do Espírito e foram amplamente recompensados. Eles atingiram um estado no qual poderiam olhar com equanimidade o prazer e a dor, no qual tudo na terra e nos céus parecia pulsar com o sopro do Princípio Consciente; mais ainda, eles o viram como uma sólida massa da Consciência Única, indivisível e impenetrável. Eles viram que também eles não estavam separados dele. Se tornaram calmos e destemidos, pois eles não o perceberam como uma ‘segunda coisa’. Somente de uma ‘segunda coisa’ que surge o medo em um ser[[11]](#footnote-11), explica o Upanishad. Esta é transformação que ocorre com este homem. Externamente ele se parecerá com um ser humano comum. Mas nele o conhecimento do Supremo será como um fogo ardente.

Vamos concluir com o que Sri Ramakrishna, o mais moderno e liberal dos Médicos Espirituais, diz sobre as experiências religiosas: “Shivanath disse uma vez que se perde a cabeça pensando muito em Deus. ‘O quê?’ eu disse. ‘Pode alguém tornar-se inconsciente por pensar na Consciência? Deus é da natureza da Eternidade, Pureza e Consciência. Através da Sua Consciência, nos tornamos conscientes de todas as coisas; através de Sua Inteligência o mundo inteiro aparece como inteligente.’ Shivanath disse que alguns Europeus se tornaram insanos, que tinham ‘perdido suas cabeças’ pensando demais em Deus. No caso deles pode ser verdade, pois pensam em coisas do mundo. Há um verso numa canção: ‘O fervor Divino enche meu corpo e me rouba a consciência’. A consciência referida aqui é a consciência do mundo exterior.” Agora, da mesma forma que você chama um médico para consultar quando está doente e não um carpinteiro, um ferreiro, um ator, assim também para curar-nos da doença da mundanidade somente o conselho de médicos espirituais, isto é, os santos e sábios, devem ser buscados e não de qualquer um. A declaração de Sri Ramakrishna, citada acima, deve tirar todas as dúvidas com relação a validade e veracidade das experiências religiosas e o imenso bem derivado delas.

⚫ ⚫ ⚫ ⚫ ⚫

Este texto foi traduzido do original em inglês por um estudante da Vedanta e dos ensinamentos de Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda.

1. Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968. [↑](#footnote-ref-1)
2. Argumento inválido repetido até a exaustão. [↑](#footnote-ref-2)
3. Este artigo foi escrito em 1965. [↑](#footnote-ref-3)
4. # Corvus corax (nota do tradutor).

   [↑](#footnote-ref-4)
5. # Cuculus canorus (nota do tradutor).

   [↑](#footnote-ref-5)
6. Yoga Sutra, 4.1. [↑](#footnote-ref-6)
7. Bhagavad Gita, Ch. II.56. [↑](#footnote-ref-7)
8. Ibid., II.72. [↑](#footnote-ref-8)
9. Chandogyopanishad, 7.24.1. [↑](#footnote-ref-9)
10. Ibid., 7.23.1. [↑](#footnote-ref-10)
11. Brihadaranyaka Up. 1.4.2. [↑](#footnote-ref-11)